



O QUE VAMOS REPRESENTAR

A GRAMÁTICA

de EUGÈNE LABICHE

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Labiche

Com mais de cem anos, não perdeu a comicidade em suas melhores peças. Seus personagens não envelheceram. Caracterizam uma época, literária e artisticamente inferior, o II Império, que arrastava diante dos tribunais homens como Baudelaire e Flaubert. Os heróis de Labiche são burgueses, negociantes, calculistas, cujo universo bem catalogado e etiquetado é, súbitamente, transtornado por uma tempestade desencadeada pelo capriho e pelo quiproquó. Esse recurso cômico Labiche utiliza sem exagerar: seus personagens, sem complicações, êles se tornam dignos de interesse a partir do momento em que o quiproquó e o azar tomam conta deles. (CT/43)

Tradução de Osmar Cunha

Personagens:

FRANCISCO CABOUSSAT — negociante

ANDRÉ MATHIAS — presidente de uma academia de arqueólogos

ROBERTO MACHUT — veterinário

BRANCA — filha de Caboussat

Uma sala com portas ao fundo e laterais. À esquerda, perto de uma das portas, um aparador. À direita, à boca de cena, uma secretária com utensílios para escrever. Ao fundo, uma mesa.

CENA I

JOÃO, depois ROBERTO e BRANCA
JOÃO, só, arrumando a louça no aparador — Que aborrecimento, é só arrumar a louça para tirá-la do lugar... (deixa cair uma saladeira que se parte).

ROBERTO, entrando — Oh!

JOÃO — Oh, diabo! A saladeira dourada!

ROBERTO — Bonito trabalho, não há dúvida!

JOÃO — Ah! É o senhor! Me pregou um susto! Estava limpando...

ROBERTO — Quem não há de gostar muito dessa limpeza é o teu patrão quando vir os cacos!

JOÃO, apanhando os pedaços da saladeira — Descanse, que não há de ver... enterro-os no jardim, numa cova que já tenho preparada para esse efeito, junto do damasqueiro.

BRANCA, entrando pela direita — João (reparando em Roberto) Ah! Bons dias, senhor Roberto.

ROBERTO, cumprimentando — Minha senhora...

BRANCA, a João — Viste a saladeira dourada?

JOÃO, escondendo os cacos no avental — Não, senhorita.

BRANCA — Estou farta de procurá-la.

JOÃO — Naturalmente está na cozinha.

BRANCA — Vou ver. É espantoso a quantidade de louça que desaparece nesta casa!

JOÃO — Olhe, senhorita, quebrar não se quebra!

CENA II

JOÃO, ROBERTO, Depois CABOUSSAT

ROBERTO — Tens uma lábia!

JOÃO — Coitadinha! Se ela soubesse que a saladeira tinha se quebrado, sofria com isso, e eu não quero aborrecê-la.

ROBERTO — Sabes que venho ver a vaca?

JOÃO — É inútil.

ROBERTO — Porque?

JOÃO — Morreu... parece que engoliu um bocado de vidro... mal enterrado.

ROBERTO — Fazes a cova pouco funda!

JOÃO — Não é isso! Como há dias tem feito muito calor, naturalmente o pedaço que a vaca engoliu tinha vindo tomar ar!

ROBERTO — Sim, sim! (Mudando de conversa) O senhor Caboussat deve estar se preparando, hein? É hoje o grande dia!

JOÃO — Sim?...

ROBERTO — Daqui a duas horas deve ser eleito presidente do Sindicato Agrícola.

JOÃO — Julga que ele será reeleito?

ROBERTO — Tenho tanta certeza disso, que até já comemorei antecipadamente o acontecimento bebendo trese copinhos à sua saúde.

JOÃO — Sério? Ninguém o dirá!

ROBERTO — Eu cabalo por teu patrão.

É justo, sou o veterinário da casa

JOÃO — Ouvei dizer que tem por adversário o dr. Chatfinet, velhaco que há um mês não faz outra coisa senão andar a subornar os lavradores!

ROBERTO — E para isso tem empregado todos os meios. Domingo passado foi a Paris e trouxe uma porção de balões cheios de gás, que distribuiu pela gatada da vila!

JOÃO — Essa é forte!

ROBERTO — Ah, mas eu aparei-lhe o golpe! Fiz constar que os balões atraíam a geadas, e foi o bastante para os fazerem rebentar.

JOÃO — Isso é que é diplomacia!

ROBERTO — Não queremos o Chatfinet! Abaixo o Chatfinet! Um intrigante que não se aproveita dos meus serviços!

JOÃO — Tem razão. Abaixo o Chatfinet!

ROBERTO — De quem nós precisamos é do Sr. Caboussat, homem sóbrio, instruído, um sábio, enfim!

JOÃO — Isso é! Passa horas inteiras no seu escritório com um livro na mão... o olhar fixo... a cabeça imóvel, como quem deseja compreender...

ROBERTO — Reflexiona.

JOÃO — Profundamente, talvez (reparando em Caboussat, que entra lendo um livro)... Olha, êle aí vem compenetrado... e eu vou fazer o mesmo (indica os cacos que tem no avental e sai).

CENA III

ROBERTO E CABOUSSAT

ROBERTO, à parte — Nem sequer dá por mim... como êle se compenetra!

CABOUSSAT, lendo, para si, muito atento — "Quando há dois ou mais sujeitos de diferentes pessoas, o verbo vai para a primeira pessoa do plural, se um dêles é da primeira pessoa, e para a segunda, se um dêles é da segunda, e não há nenhum da primeira..." Que trapalhada. Essas malditas regras dão-me dor de cabeça.

ROBERTO, à parte — Deve ser grego ou latim. (Tosse) Hum, hum!

CABOUSSAT, escondendo, precipitadamente, o livro — Ah, estavas aí Roberto?

ROBERTO — Se o incomodo...

CABOUSSAT — Não, estava lendo... Vinhas ver a vaca?

ROBERTO — Mas já sei que, infelizmente, para ela e para mim, já não precisa dos meus serviços.

CABOUSSAT — Um pedaço de vidro... É estúpido, não é? Uma vaca de quatro anos!

ROBERTO — Eu lhe digo, as vacas engolem em tôdas as idades. Conheci uma que engoliu uma esponja de lavar trens, aos sete anos, e também morreu.

CABOUSSAT — Veja o que é a humanidade (filosoficamente)!

ROBERTO — Em compensação, os trabalhos eleitorais caminham admiravelmente.

CABOUSSAT — Estás certo disso?

ROBERTO — Respondo pelo resultado. Conto com uma grande maioria!

CABOUSSAT — Ainda bem! Não desgostava de ver Chatfinet ruminar a perda da eleição.

ROBERTO — E depois sabe que, uma vez reeleito presidente do Sindicato Agrícola, pode ir muito longe...

CABOUSSAT — Aonde?

ROBERTO — Quem sabe? O senhor já é regedor, qualquer dia pode vir a ser nomeado administrador do conselho.

CABOUSSAT — Eu? Que idéias! Como sabes, não sou ambicioso... e depois, o lugar está ocupado há já trinta e seis anos pelo Rognat.

ROBERTO — Razão demais... Cada um por sua vez... Ete já está há muito tempo... e, aqui para nós, parece-me não ser muito instruído, não sabe grego!

CABOUSSAT — Creio que não é preciso saber grego para ser administrador.

ROBERTO — Pois sim! Eu lhe digo isto, tenho as minhas razões. Falo por aí com um e com outro... ouço muito... e por isso posso afiançar-lhe que não virá longe o dia em que o meu amigo ter áde cingir a faixa!

CABOUSSAT — Não o desejo porque como já te disse, não sou ambicioso; contudo não deixo de reconhecer que, como administrador, podia prestar alguns serviços.

ROBERTO — E não ficava por aí!

CABOUSSAT — Ficava com o pé no degrau para Governador!

CABOUSSAT — Modéstia à parte, já outros o tem sido com piores barbas.

ROBERTO — Depois, deputado... e até ministro!

CABOUSSAT, com fingida modéstia — Não, isso agora é demais! (Com interesse) E depois?

ROBERTO — Depois... depois... não sei...

CABOUSSAT, consigo, com entusiasmo — Administrador... Governador... ministro (Como que abatido por uma idéia) Mas não! Esqueço-me de que não pode ser!

ROBERTO — O que é preciso é começar pelo princípio. Primeiro, presidente do Sindicato, o que está quase certo, embora haja por aí uns descontentes.

CABOUSSAT — Comigo?

ROBERTO — Sim! O Themudo, por exemplo, é um dos que não estão muito satisfeitos com o senhor.

CABOUSSAT — Que lhe fiz eu?

ROBERTO — Acha-o soberbo!

CABOUSSAT — Soberbo? Eu sempre que o encontro, pergunto pela mulher, com quem afinal de contas não me importo?

ROBERTO — É amável com a mulher, mas não repara nas couves?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CABOUSSAT — Como?

ROBERTO — Diz que o senhor tem passado muitas vezes pela horta e que nunca lhe gabou as couves, como é dever do presidente de um sindicato agrícola.

CABOUSSAT — Efetivamente, nunca reparei nas malditas couves!

ROBERTO — É uma falta indesculpável! Já o finório Chatfinet não faz o mesmo; nunca passa pela horta do Themudo que não exclame: que beleza de hortaliça!

CABOUSSAT — Tratante!

ROBERTO — Se fôsse o senhor, ia disfarçadamente passar por casa do homenzinho e, assim como quem não quer coisa, elogiava-lhe as plantações... isto sem baixeza... nunca lhe aconselharia uma baixeza!

CABOUSSAT — Dizes bem... Vou até lá. (Chamando) João!

JOÃO, entrando — O senhor chamou?

CABOUSSAT — Traz o meu chapéu novo, depressa.

ROBERTO — Vou com o senhor para puxar conversa.

JOÃO — Aqui está o chapéu.

CABOUSSAT — Tive uma idéia, vou pedir-lhe sementes das couves.

ROBERTO — Isso é magnífico! (Sai com Caboussat pela esquerda).

CENA IV

JOÃO, MATHIAS e depois BRANCA

JOÃO, só — Então o patrão põe o chapéu novo para ir buscar sementes de couves! Tem cada uma!

MATHIAS, aparece ao fundo, com uma mala na mão — O senhor Caboussat está?

JOÃO, à parte — Um desconhecido!

MATHIAS, entrando — Anuncia-lhe o Sr. André Mathias, presidente da Seção em Paris, da Academia Arqueológica da França.

JOÃO — O patrão saiu agora mesmo, mas não tarda a voltar.

MATHIAS — Espera-lo-ei. (Dando-lhe a mala) Tome conta disto.

JOÃO — Ah! O senhor vem para ficar?

MATHIAS — É provável.

JOÃO, à parte — Mau, mau! Mais uma cama para fazer!

MATHIAS — Trago uma notícia muito importante para teu patrão.

JOÃO — Sim! De que se trata?

MATHIAS — Do que não te importa...

Como está a senhora dona Branca?

JOÃO — Felizmente, bem.

MATHIAS — Quando estêve em Paris não lhe pude prestar as atenções devidas. Tinha acabado de receber uma oferta preciosa para a Academia! Uma caixa com pedaços de louça, peças velhas e outras antiguidades gálio-romanas...

JOÃO — Para que serve isso?

MATHIAS, sem lhe dar atenção — Mas pareceu-me bonita e muito bem educada.

JOÃO — É uma bonita môça. Só tem o defeito de reparar muito na louça!

MATHIAS — Vejo que posso prosseguir nos meus projetos.

JOÃO, com curiosidade — Que projetos?

MATHIAS, zangado — És curioso! Que tens com isso? (outro tom) Diz uma coisa: quando lavram a terra, o que é que costumam encontrar?

JOÃO — Onde?

MATHIAS — Na parte lavrada.

JOÃO — Terras, pedras, lagartixas...

MATHIAS — Não é isso... falo-te de antiguidades gálio-romanas!

JOÃO — Creio que aqui não há dessas terras.

MATHIAS — Aproveitarei minha estada aqui para proceder a algumas escavações. A minha carta da Gália indica ter havido nestes sítios um castelo romano.

JOÃO — Sim?!

MATHIAS — Aqui onde me vêem tenho faro... Basta-me chegar junto de um terreno, olhá-lo, examiná-lo, cheirá-lo... (fungando) para dizer logo: aqui debaixo há qualquer coisa de romano!

JOÃO — É espantoso! (À parte) Quem será êste homem?

BRANCA, entrando pela direita, à parte — Não sou capaz de encontrar a saladeira (reparando em Mathias). Oh... senhor Mathias!

MATHIAS, cumprimentando — Minha senhora...

BRANCA — Que agradável surpresa! Meu pai vai ficar contentíssimo.

MATHIAS — Trago uma notícia muito importante para o Sr. Caboussat.

BRANCA — Seu filho, Sr. Edmundo, não veio?

MATHIAS — Não lhe foi possível. Ficou a tratar-se de um jeito no pé.

BRANCA — Que pena!

MATHIAS — A culpa foi minha. Tinha procedido a umas escavações no quintal e esqueci-me de o prevenir... O rapaz não reparou e ontem à noite... caiu dentro da cova... (consolado) Mas achei um cabo de fôca do século XIII!

BRANCA — Foi então para isso que roubou o meu par!

MATHIAS — Seu par?

BRANCA — Quando estive na Etampes, o Sr. Edmundo foi meu par nos balles do clube. (Com interesse) Levará muito tempo a restabelecer-se?

MATHIAS — Questão de poucos dias.

BRANCA — E ficará coxo?

MATHIAS — Seria demasiada infelicidade! Agora que chegou à idade de se casar.

BRANCA — Ah!

MATHIAS — V. Excia. parece-me também estar na idade...

BRANCA — Eu? Não sei. Meu pai nada me disse ainda a êsse respeito. (À parte) Virá êle pedir-me para o filho?

MATHIAS — Tenho uma perguntinha a fazer-lhe.

BRANCA, à parte — Meu Deus, estou com medo!

MATHIAS — Quando fazem alguma cova no jardim, o que é que encontram?

BRANCA — O que há de ser? Terra, pedras...

MATHIAS — Com inscrições?

BRANCA — Isso não sei.

MATHIAS — Veremos mais tarde.

BRANCA — Se quiser descansar enquanto o papai não vem, vou indicar-lhe o seu quarto.

MATHIAS — Com todo o gosto.

BRANCA — As janelas dão para o jardim.

MATHIAS — Tanto melhor... poderei examinar a configuração do terreno (À parte, fungando). Que cheiro a romano! (Sai com Branca pela direita).

JOÃO — Não sei porque, mas tenho medo desse homem! (sai).

CENA V

CABOUSSAT, depois JOÃO

CABOUSSAT, entrando pelos fundos. Traz debaixo dos braços, de um lado, uma enorme couve e do outro, um molho de rabanetes — O negócio do The-

mudo está arranjado. Pedi-lhe uma couve dizendo que a expunha na minha sala como objeto de arte, e foi o bastante para o homem ficar a meu favor. O pior foi ter de contentar também um vizinho, que se mordida de inveja vendome com a couve. É um eleitor... não lhe podia fazer menos do que fiz ao outro. Fui visitá-lo e, como tem plantação de rabanetes, pedi-lhe um molho dos mesmos também como objeto de arte! É preciso saber conquistar as massas! (Chamando) João!

JOÃO, entrando — Senhor?

CABOUSSAT, dando-lhe as couves e os rabanetes — Toma, leva para a cozinha. A couve, mete-a na panela, os rabanetes, faze-os em salada.

JOÃO, à parte. — Deu agora para ir fazer as compras! (Sai.)

CABOUSSAT — As couves e os rabanetes não impediram que pensasse no que me disse o Roberto. Ainda posso vir a ser um grande homem... Administrador do conselho... governador, deputado, e, mais tarde... uma pasta! Quem sabe (depois de uma pausa, com tristeza)... Não! É impossível, tudo isso não passa de um sonho. Sou rico, considerado, adorado... mas há uma coisa que se opõe aos meus projetos... A gramática (olhando em redor com inquietação). Nunca fui capaz de compreender as malditas regras... principalmente as de concordância, não sei por onde lhes hei de pegar! Na ortografia, também, não sou mais feliz. Quando me vejo atrapalhado, faço um rabisco ou um borrão... Ah, se os borrões fizessem parte da ortografia, ninguém escrevia tão bem como eu! Quando falo, ainda a coisa vai bem, não se vêem as letras das palavras que digo... Mas escrevendo, embaralho as letras e as palavras e nada faço com jeito. Mal sabem os meus eleitores que os retumbantes discursos que pronuncio e que eles escutam de boca aberta como bobos, não são de minha autoria. Julgam-me um sábio, tenho grande reputação, mas graças a quem? Graças a um anjo!

CENA VI

CABOUSSAT E BRANCA

BRANCA, entrando pela direita, com um papel, na mão — Papai!

CABOUSSAT, à parte — Eis o anjo!

BRANCA — Procurava-o para lhe entregar o discurso que deve pronunciar depois da eleição.

CABOUSSAT — Se fôr eleito... Fizeste a revisão?

BRANCA — Copiei-o apenas.

CABOUSSAT — Como os outros... (abraçando-a) Ah, querida filha! Sem ti! (Desdobrando o papel) Que tal o achas?

BRANCA — Muito bom!

CABOUSSAT, lendo — "Meus senhores e digníssimos colegas. A agricultura é a mais nobre das profissões..." Escreveste profissões com dois ss?

BRANCA — Sem dúvida...

CABOUSSAT, abraçando-a — Ah, minha querida filha... (À parte) Se fôsse eu, escreveria com um c! (Lendo) "A mais nobre das profissões...", com dois ss. "Aquê! que não adora a terra, aquê! que não se entenece à vista do arado, rião compreende o que seja a riqueza das nações." Agora escreveste nações com c.

BRANCA — Sempre...

CABOUSSAT, abraçando-a — Ah, minha querida filha! (À parte) Eu teria escrito com dois ss. "A riqueza das nações" com c...

BRANCA, interrompendo-o — Já sabe que chegou o Sr. André Mathias?

CABOUSSAT — André Mathias? (À parte) Um verdadeiro sábio! Onde está êsse bom amigo? (Mathias aparece à direita).

CENA VII

CABOUSSAT, BRANCA e MATHIAS

CABOUSSAT, indo ao encontro de Mathias — Oh, meu caro! Que agradável visita! (Apertam-se as mãos.)

MATHIAS — Há muito tempo que desejava visitar esta terra debaixo do ponto-de-vista arqueológico.

CABOUSSAT — Os cacos velhos ainda o interessam?

MATHIAS — E nunca deixarão de me interessar. Sem eles o que seria a arqueologia? Mas venho também para falar-lhe sobre outro assunto.

BRANCA, à parte! — O pedido (Alto) Deixo-os para conversarem à vontade. Espero que passará alguns dias conosco!

MATHIAS — Não prometo! Depende do resultado das minhas explorações... Se achar... fico!

BRANCA — Creio que deve encontrar. (Sai).

CENA VIII

CABOUSSAT E MATHIAS

CABOUSSAT — Como achas a minha Branca?

MATHIAS — Encantadora! E é com o maior prazer que... mas... mais tarde... Primeiro deixe comunicar-lhe uma notícia importante.

CABOUSSAT — A mim?

MATHIAS — Acaba de ser nomeado, por proposta minha, sócio correspondente da Academia Arqueológica da França.

CABOUSSAT à parte — Acadêmico, eu?

MATHIAS — Parece-me ser agradável surpresa!

CABOUSSAT — De certo, muito agradável! Nem mesmo sei se devo aceitar... são tão fracos os meus títulos...

MATHIAS — E os seus discursos?

CABOUSSAT — Se é pelos meus discursos... (À parte) Ah, querida filha!

MATHIAS — Tive uma grande idéia propondo-o. Pode ser-nos muito útil.

CABOUSSAT — De que modo?

MATHIAS — Vigiando as excavações a que vou proceder. Encontrar-se-ão, sem dúvida, inscrições gregas e latinas e o meu amigo fica encarregado de as traduzir e de fazer as respectivas comunicações.

CABOUSSAT, assustado — Em latim?

MATHIAS, misteriosamente — Chut! O meu faro não me enganou... Aqui perto deve estar soterrado um castelo do tempo d e César... Não diga isto a ninguém!

CABOUSSAT — Fique descansado!

MATHIAS — Creio ser o único que existe no país.

CABOUSSAT — Que honra para a província!

MATHIAS — As minhas pesquisas convenceram-me de que Gabius Lentulus passou por aqui.

CABOUSSAT — Sério! Gabius... Lun... tulus... está certo disso?

MATHIAS — Certíssimo! Não o diga a ninguém!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone 226.0242 - CEP 90020-025

CABOUSSAT — Descanse. Serei mudo!
 MATHIAS — Como já disse, vim também por outro motivo... Meu filho Edmundo travou conhecimento com a Sra. D. Branca no verão pasado em Etamps e, em presença de tantos dotes de bondade e formosura, ficou apaixonado. O meu maior desejo é unir o seu destino ao de sua filha e por isso eu, aproveitando o momento em que vou começar a abrir as covas para as minhas explorações, abro-me também com o colega a êsse respeito!

CABOUSSAT — Meu amigo, não lhe posso dizer que não... nem lhe posso dizer que sim... preciso consultar minha filha.

MATHIAS — É justíssimo! Edmundo é um bom rapaz... afetuoso, comedido, bebe bebidas alcoólicas somente no café da manhã... e tem 30.000 francos de dote...

CABOUSSAT — É um um pouco mais ou menos o que tenciono dar a minha filha.

MATHIAS — Há, porém, uma coisa que não devo ocultar-lhe. Edmundo tem um defeito! Um defeito que é quase um vício...

CABOUSSAT — Um defeito?

MATHIAS — Imagine o colega... não... não posso! Eu, um homem de ciência (dando uma carta a Caboussat)... Leia, é melhor assim.

CABOUSSAT — Algum artigo contra a academia?

MATHIAS — Uma carta que me escreveu há oito dias e que, envergonhado, submeto à sua apreciação.

CABOUSSAT — Assusta-me! Vejamos (lendo). "Meu querido pai, escrevo-lhe para lhe fazer uma confissão".

MATHIAS, à parte — Com um c, miserável!

CABOUSSAT, lendo — "De que depende a minha felicidade. Amo a menina Branca com um amor louco, insensato e amá-la-ei sempre.

MATHIAS, à parte — Ama-la-ei, como se fôsse uma palavra só... que animal!

CABOUSSAT, lendo — Desde que a vi, não como, não durmo...

MATHIAS, à parte — Como, com dois mm!

CABOUSSAT, lendo — a incerteza em que vivo é para mim um tormento...

MATHIAS — Tormento com t-r-o! (Alto) É atroz, não lhe parece?

CABOUSSAT — O que?

MATHIAS — Enfim, mais tarde ou mais cedo tinha de lhe dizer, agora já o sabe!

CABOUSSAT — Sei que êle adora minha filha.

MATHIAS — Mas contra tôdas as regras! Pense e decida... Vou fazer uma inspeção ao seu jardim (fungando). Cada vez me cheira mais a romano (sai pelo fundo).

CENA IX

CABOUSSAT e BRANCA

CABOUSSAT, metendo a carta no bolso — Que diabo de defeito terá o rapaz? (BRANCA entra preparada para sair) Vais sair?

BRANCA — Há oito dias que devo uma visita a d. Emília... o marido tem muita influência e interessa-se pela sua eleição. Vou na charrete.

CABOUSSAT — Escuta, Branca... Já pensaste alguma vez em te casar?

BRANCA, dissimulando — Eu? Nunca, papai!

CABOUSSAT — Se se apresentasse teu noivo, um rapaz afetuoso, comedido, que não bebe bebidas alcoólicas senão no café...

BRANCA, à parte — Edmundo!

CABOUSSAT — Sentirias alguma repugnância?

BRANCA, vivamente — Oh, não! (Contendo-se) Isto é, farei o que o papai quiser.

CABOUSSAT — Só quero que sejas feliz. É o menos que te posso desejar em paga do que tens feito por mim.

BRANCA — Ora, que lhe faço eu?

CABOUSSAT, olhando em redor — Os meus discursos, as minhas cartas...

BRANCA, com embaraço — Apenas as copio...

CABOUSSAT — Tens razão, não se fala mais nisso (beijando-a). Vai, e não te demores. (Branca sai pelo fundo).

CENA X

CABOUSSAT, JOÃO e depois MATHIAS

CABOUSSAT — Esquecia-me de que tenho um hóspede e é preciso dar ordens

para o jantar... um acadêmico deve gostar de bons petiscos. (Chamando) João!

JOÃO, entrando — Senhor.
 CABOUSSAT — Que arranjaste para o jantar?

JOÃO — Há a couve... os tabanetes...

CABOUSSAT — Não falo nisso, estúpido!

JOÃO — Como o senhor é que foi às compras...

MATHIAS, entrando, triunfante, pelo fundo, traz uma frigideira velha cheia de terra e um espêto muito ferrugento) — Cheguei... cavei... e achei!

CABOUSSAT, espantado — O que é isso?

MATHIAS — Um escudo romano... scutum... o escudo comprido, o meu amigo conhece...

CABOUSSAT — Ora, se conheço!

MATHIAS — Clypeus é o escudo redondo...

JOÃO, baixo, a Caboussat — Deixe-o falar, patrão, é a frigideira que estava quebrada.

CABOUSSAT — Já a tinha reconhecido.

MATHIAS — Agora, o gladius a espada dos centuriões... objeto extremamente raro.

JOÃO, baixo a Caboussat — O espêto que se jogou fora a semana passada...

CABOUSSAT, à parte — Êsse homem é capaz de achar preciosidades romanas na cabeça de um fósforo.

MATHIAS, que foi colocar os objetos na mesa do fundo, entusiasmado — Meu amigo, descobri um túmulo no seu jardim!

JOÃO, à parte — Daria êle com a minha cova?

MATHIAS, limpando o suor — Estou suando de alegria e por causa da enxada. (Dando dinheiro a João) Toma, vai comprar dez francos de greda, passa-o por uma peneira e traga-o numa terrina.

CABOUSSAT — Que vai fazer? ..

MATHIAS — Limpar êstes fragmentos... palpita-me que têm inscrições. (A João) Vai.

JOÃO — Imediatamente. (À parte) É um sábio, ferro velho! (Sai).

MATHIAS — Ah, já me esquecia. Há no jardim um damasqueiro que impede as minhas explorações... Há de dar-me licença para o arrancar.

CABOUSSAT — Se me permitisse... é o único que tenho... e dá uns damascos tão saborosos!

MATHIAS — Meu caro colega, peço-lhe em nome da ciência!

CABOUSSAT — Ah, como é a ciência que pede... nada posso recusar (à parte) a ela que me recusa.

MATHIAS — A arqueologia lhe agradecerá! Vou continuar as investigações.

(Saída falsa) A propósito, já falou à sua filha no pedido de Edmundo?

CABOUSSAT — Já lhe dei a entender, e me pareceu não lhe desagradar.

MATHIAS — E o defeito, confiou-lhe?

CABOUSSAT — Ainda não, quero ver se lhe faço saber indiretamente.

MATHIAS — É horrível, não é? Vou ao jardim (fungando). Esta casa está embalsamada de romano (Sai pelo fundo)

CENA XI

CABOUSSAT, depois ROBERTO

CABOUSSAT — começa a inquietar-me o tal defeito. Gostaria de o conhecer.

ROBERTO, entra pelos fundos, falando para dentro muito encolerizado — É uma calúnia e eu o provarei!

CABOUSSAT — Que tens, Roberto, fizeram-te mal?

ROBERTO — Foi o Chatfinet, o seu concorrente, que fez espalhar um infame boato a meu respeito.

CABOUSSAT — Um infame boato?

ROBERTO — Andou dizendo que fui eu quem matou a vaca!

CABOUSSAT — É falso, quando tu chagaste ela estava morta.

ROBERTO — Faça-me um favorzinho... escreva isso mesmo num pedaço de papel para confundir aquele safado.

CABOUSSAT — Escrever, eu? (À parte) E minha filha que não está em casa! Meu amigo, há injúrias a que o homem que se respeita não deve responder, senão com o silêncio e o desprezo.

ROBERTO — Tudo isso será muito bonito mas eu prefiro achatar o Chatfinete. Vamos, escreva.

CABOUSSAT — Deixa-te disso. Iria parecer que te passava um atestado.

ROBERTO — É isso mesmo que eu quero.

CABOUSSAT — Não... não posso... é impossível...

ROBERTO — Como? Recusa justificarme? A mim, que há mais de dezoito dias não tenho feito outra coisa senão andar a mendigar votos...

CABOUSSAT — Tens razão... escrevo...

ROBERTO Ah!

CABOUSSAT Mas logo, agora não tenho não tenho tempo.

ROBERTO — Não, escreva já. Os eleitores estão reunidos e eu queria que todos lessem.

CABOUSSAT, à parte — Que todos lessem... Ainda se minha filha estivesse em casa...

ROBERTO — Trata-se da minha reputação, da minha honra de veterinário! Se não desminto semelhante boato, estou perdido, arruinado e serei obrigado a deixar esta terra (Com lamúria) Lembre-se de que tenho mulher e cinco filhos.

CABOUSSAT, enternecendo, à parte — É verdade, não me lembrava dos cinco filhos.

ROBERTO, confidencialmente — E um outro já a caminho...

CABOUSSAT, à parte E um outro... a caminho.

ROBERTO, dispondo o papel na secretária — Só duas linhas.

CABOUSSAT, sentando-se à secretária — só duas linhas?

ROBERTO — "Certifico que a minha vaca já estava morta quando chegou o Sr. Roberto". Não é muito?

CABOUSSAT, atrapalhado — Vamos a isto (À parte) Com alguma atenção e meia dúzia de borrões, é possível que consiga. (Escreve) Certifico... mau, já começo mal, não me lembro se é com um ou dois ff... Ah, espera! Vai um f e um borrão...

ROBERTO — Quero ver com que cara fica o Chatfinet!

CABOUSSAT, levantando-se e dando o papel a Roberto — Tem por aí um ou outro borrão... a pena não presta...

ROBERTO — Não faz mal. Agora estou descansado.

CABOUSSAT, à parte — E eu, não.

CENA XII

OS MESMOS e BRANCA

BRANCA, entrando pelos fundos — Estou de volta.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CABOUSSAT, baixo, a Branca — Chegaste tarde, acabo de passar um atestado a Roberto.

BRANCA, assustada — Oh!

ROBERTO, mostrando o papel — Vou mostrá-lo a toda a gente. (Metete no bolso e procura o chapéu).

CABOUSSAT, baixo, à filha — Não estas...

BRANCA, baixo — Custe o que custar, é preciso reaver esse papel.

CABOUSSAT — Sim, mas como?

BRANCA, (à parte) — Meteu-o no bolso do casaco... Oh, que idéia! (Alto) Sr. Roberto, tem aí o seu estojo?

ROBERTO — Anda sempre comigo. Porque?

BRANCA — A égua castanha teve uma síncope, se a fôsse ver, talvez precise de umas sangrias.

CABOUSSAT, à parte — Meu Deus! De manhã, a vaca, agora a égua.

ROBERTO — Vou num instante. Agora que não se lembrem também de dizer que fui eu.

BRANCA — Tire o casaco... talvez o atrapalhe.

ROBERTO — Não é preciso... Nada de demoras (Sai correndo).

BRANCA — Falhou!

CABOUSSAT — O quê? Então, a égua!

BRANCA — Está de perfeita saúde...

CABOUSSAT — Mas tu disseste...

BRANCA — Foi um ardil para obrigar o Roberto a deixar o casaco... queria tirar-lhe o atestado.

CABOUSSAT — Compreendo, como trabalha sempre em mangas de camisa...

BRANCA — O pior é se êle toma o caso a sério e sangra a égua!

CABOUSSAT — Quanto a isso estou sossegado. Roberto conhece bem seu ofício. Tem uma maneira especial de conhecer as doenças dos animais. Basta olhar para êles para dizer logo a doença de que sofrem, embora não sofram de nenhuma.

CENA XIII

OS MESMOS, ROBERTO e depois JOÃO

ROBERTO, entrando — Pronto.

CABOUSSAT — Pronto o quê?

ROBERTO — Está sangrada. Dez minutos mais tarde e estava perdida.

CABOUSSAT, à parte — Até os animais sofrem com a minha ignorância.

JOÃO, entrando pela esquerda, com uma vasilha cheia de greda — Aqui está a greda.

BRANCA, à parte — Oh! (Baixo, a João) joga isso em cima do Sr. Roberto.

JOÃO, admirado — Então, a senhorita quer?...

BRANCA, baixo — Vai, depressa!

JOÃO, à parte — Manda quem pode..

(Despejando a terrina em cima do casaco de Roberto) Água vai!

ROBERTO — Oh, diabo!

BRANCA — Desastrado!

CABOUSSAT — Estúpido!

JOÃO — Foi a senhorita que mandou...

BRANCA — Eu?

CABOUSSAT — Calate-, animal!

JOÃO — Vou buscar uma escôva Sai pela esquerda).

CABOUSAT — Tire o casaco, escova-se melhor.

ROBERTO, sacudindo o casaco — Não é preciso.

BRANCA — Tire.

CABOUSSAT, zangado — Homem, tire o casaco. (Tira-o, ajudado pela filha).

BRANCA — Eu mesma vou escovar. Já lhe trago (Sai levando o casaco).

CENA XIV

CABOUSSAT, ROBERTO, JOÃO
e depois MATHIAS

ROBERTO — É demasiada bondade a senhorita Branca incomodar-se por minha causa...

CABOUSSAT — Nós somos assim...

ROBERTO, à parte — Bem vê que estamos em dia de eleição.

JOÃO, entrando, rapidamente, pela direita — Aqui está a escôva (Começa a escovar inadvertidamente a camisa de Roberto).

ROBERTO, repelindo-o — Olha que me espetas!

MATHIAS, entrando pelos fundos com bocados de louças dentro de um lenço. — Ah, meus amigos! Que sorte, que sorte! Que emoção! Dei à luz um túmulo, de baixo do pé de damasco!

JOÃO, à parte — Bem que eu dizia... a minha cova!

MATHIAS, tirando do lenço um bocado de porcelana dourada — Primeiro, examinem isso.

JOÃO, à parte — Um pedaço da saladeira... estou perdido!

CABOUSSAT, olhando para João — Hein, eu conheço isso.

MATHIAS — Tem iniciais... um F. e um C.

CABOUSSAT, à parte — Francisco Caboussat.

MATHIAS — Fabius Cunctator... Está assinado!

CABOUSSAT, a João com olhar ameaçador — Quem partiu isto?

MATHIAS — Quem? Os romanos!

JOÃO — Então, quem julgava o patrão quem tinha sido? (À parte) Ésse sábio vai desenterrar tôdas as minhas vítimas! (Sai).

MATHIAS, Tirando do lenço um pedaço de urinól — Eis um outro fragmento... Sabem o que é isto?

ROBERTO, aproximando-se — Vejamos... (Recuando) Ora, se sei!

CABOUSSAT — Quem não sabe? (À parte) É ser muito palerma!

MATHIAS — Raríssimo. É um lacrimatório da Decadência!

CABOUSSAT — Isso?! (À parte) É melhor não o contrariar.

MATHIAS — Quando os romanos perdiam alguém da família, era aqui que depositavam a dor.

ROBERTO — Sério? Que povo tão esquisito!

MATHIAS vai pôr os cacos sôbre a mesa ao fundo.

JOÃO, entrando pela esquerda — Aqui está o casaco.

ROBERTO, vestindo — Obrigado. (Tateando os bolsos) Onde pus o atestado? (Tira um papel do bolso e desdobra-o para ver). Ah, está aqui!

CABOUSSAT, aproximando-se — A letra de Branca. Estou salvo!

ROBERTO — Deixo-os. Vou à assembléia. Voltarei paar informá-los do resultado (Sai).

CABOUSSAT, baixo, a João — Agora, nós!

JOÃO, com mêdo — Senhor!

CABOUSSAT — Aproxima-te.

JOÃO, aproximando-se — Pronto!

CABOUSSAT — Hás de me contar como foi que os romanos partiram a saladeira.

JOÃO, fugindo — Logo eu lhe digo, patrão. Agora tenho de ir mexer o relogado.

CENA XV

CABOUSSAT, MATHIAS depois BRANCA
MATHIAS, que estava admirando os cacos — Um pedaço de vidro! E ainda há asnos que afirmam que os romanos não conheciam o vidro. Vou escrever um memorial.

CABOUSSAT — Faz muito bem.

MATHIAS — Meu caro amigo, devo-lhe um dos dias mais felizes da minha vida. e quero comunicar imediatamente aos colegas da Academia (emendando), aos nossos colegas, esta importante descoberta arqueológica.

CABOUSSAT — É uma boa idéia!

MATHIAS — Vou pedir que nomeiem um outro colega para continuar as excavações.

CABOUSSAT — Por amor de Deus, não faça isso. Vão dar cabo de tudo!

MATHIAS — Em nome da ciência! Depressa, pena e tinta.

CABOUSSAT — Tem aí, na minha secretária.

MATHIAS, sentando-se e pegando a pena — Ah, usa penas de pato?

CABOUSSAT — Sempre. (Com importância) É um costume, que herdei de meu avô!

MATHIAS — Tem os bicos muito abertos. Se tivesse um canivete?

CABOUSSAT — Aqui está. (Dá-lhe um).

MATHIAS, aparando a pena — Com que então os romanos não conheciam o vidro... (Dando um grito) Ai!

CABOUSSAT — Que foi?

MATHIAS — Cortei-me.

CABOUSSAT — Espere, tenho aqui um adesivo. (Tira o adesivo da gaveta e coloca-o no dedo de Mathias) Agora, uma pequena atadura, não se mexa. Aqui está... pronto!

MATHIAS — Obrigado. Vou pedir-lhe outro favor.

CABOUSSAT — Que deseje?

MATHIAS — Que escreva em meu lugar... eu dito...

CABOUSSAT, à parte — Diabo! Mas é que...

MATHIAS — O quê?

CABOUSSAT — Escrever a uma academia.

MATHIAS — Então, para que é o colega sócio-correspondente, se não para fazer a correspondência?

CABOUSSAT — É justo. **(Senta-se. À parte)** Essa gente hoje apostou em me obrigar a escrever!

MATHIAS — Posso começar?

CABOUSSAT — Pode. **(À parte)** Não trabalhar os borrões!

MATHIAS — Meus senhores e caros colegas... a arqueologia acaba de se enriquecer...

CABOUSSAT Lá começa êle com palavras esquisitas.

MATHIAS — Escreveu?

CABOUSSAT Espere um pouco... **(À parte)** Arqueologia será com q-u-é ou com k-é? Oh, que idéia! **(Pega no canivete e apara a pena).**

MATHIAS, **continuando** — Graças aos meus infatigáveis trabalhos...

CABOUSSAT, **dando um grito** — Ai! **(Ergue-se).**

MATHIAS — O que é?

CABOUSSAT — Também me cortei. Faz favor, dá-me aí o adesivo.

MATHIAS, **tira o adesivo da gaveta** — Aqui está. Cabe-me agora a vez. Não se mexa... Prontinho.

CABOUSSAT, **à parte, sacudindo o dedo** — Cortei-me, mas salvei-me!

MATHIAS, **sacudindo o dedo** — Que falta de sorte! Enfim, escreverei amanhã.

CABOUSSAT — Se quer que chame minha filha... Escreve admiravelmente.

MATHIAS — É um pai feliz! Julga que ela aceitará o pedido de meu filho?

CABOUSSAT — Por que não?

MATHIAS — Desculpe-me... desejava saber quanto antes a resposta. Tencio no fazer uma surpresa... Nas proximidades de Paris há um magnífico chalé que pode ser vendido a qualquer momento.

CABOUSSAT — Que tem isso...

MATHIAS — Desejava comprá-lo para os noivos.

CABOUSSAT — O que? Minha filha sairia daqui?

MATHIAS — A mulher deve acompanhar o marido...

CABOUSSAT, **à parte** — Não, a minha ortografia em Paris, e eu aqui, sózinho? Nada! Essa é que não pega!

BRANCA, **aparecendo na porta à esquerda** — Atrapalho-os?

MATHIAS — Ainda bem que veio. Tinha acabado de pedir a seu pai para lhe fazer uma comunicação importantíssima...

BRANCA — Ah...

MATHIAS — E teria grande prazer se ela lhe agradasse.

UMA VOZ, **fora** — Senhor Mathias! Senhor Mathias!

MATHIAS — É o seu jardineiro, a quem encarreguei de fazer algumas sondagens... **(Cumprimentando Branca)** Senhorita... **(Sai pelo fundo).**

CENA XVI

CABOUSSAT e BRANCA

CABOUSSAT, **à parte** — Decididamente o rapaz não nos convém. Primeiro, é um homem que tem um defeito... é verdade que não sei qual é, mas sempre é quase um vício.

BRANCA — Papai, a comunicação?

CABOUSSAT — Ora, uma asneira... uma criancice! Meteu na cabeça que havia de casar com o filho dêle.

BRANCA, **dissimulando** — Sério?

CABOUSSAT — Tu não o conheces... Vou descrever-te: não é mau rapaz, isso não! Da moral não há nada a dizer! Mas do físico... imagina: uma barriga enorme, umas pernas muito pequeninas, uma cabeça muito grande, calvo míope, o nariz achatado...

BRANCA — Então, papai...

CABOUSSAT — Isso não é para te dissuadir, sabes perfeitamente que és livre. Contudo, sempre te direi que de todos os dentes que tinha, só lhe restam dois.

BRANCA — Oh!

CABOUSSAT — E ainda há mais: o rapaz tem um defeito, um defeito enorme... um defeito que é quase um vício.

BRANCA — Um vício! Edmundo!

CABOUSSAT — Espera. Tenho-o aqui no bolso. **(Tirando do bolso a carta de Mathias)** Escuta e treme! **(À parte)** Vamos ver se ela o descobre. **(Lendo)** "Meu querido pai, escrevo-lhe para lhe fazer uma confissão de que depende a minha felicidade. Amo a menina Branca com um amor louco, insensato, e amala-ei sempre..."

BRANCA, **à parte** — Como êle é bom!
CABOUSSAT — Desde que a vi, não como, não durmo..."

BRANCA — Pobrezinho...
CABOUSSAT — Encontraste o defeito?

BRANCA — Ainda não.

CABOUSSAT — Então é mais adiante.
(Lendo) "E a incerteza em que vivo é para mim um tormento." É atroz, não te parece?

BRANCA — Pelo contrário. É até muito agradável.

CABOUSSAT, **metendo, rapidamente, à carta no bolso** — Estava certo que esse casamento não te convinha...

BRANCA — Mas papai!

CENA XVII

OS MESMOS e MATHIAS

MATHIAS, **entra pelo fundo** — Arrancou-me a amexeira, mas nada se encontrou.

CABOUSSAT, **à parte** — A ameixeira! Diabo leve a ciência!

MATHIAS — Senhorita Branca, que resposta devo levar a meu filho?

BRANCA — Eu...

CABOUSSAT, **baixo, a Branca** — Deixa-me responder. Lastimo, meu amigo, ter de lhe anunciar que nos é impossível desculpar o tal defeito.

MATHIAS — Compreendo, já esperava isso.

CABOUSSAT, **baixo, a Branca** — Vês, como êle já esperava.

MATHIAS — Mas deixe-me conservar uma esperança e prometa-me que, se um dia Edmundo chegar a ser bacharel...

CABOUSSAT — Oh, então!...

BRANCA — Bacharel!

MATHIAS — Nós cá nos entendemos. Vou arranjar as malas e partir imediatamente.

BRANCA — Papai...

MATHIAS — Tenho pressa de levar esta má notícia a meu filho. Mas resta um pedido a fazer-lhe... Permita que leve êstes fragmentos de antiguidade?

CABOUSSAT — Como quiser... já não servem para nada...

MATHIAS — Prometo-lhe que terão um lugar de honra no museu da Academia, com a seguinte inscrição: "Camelus Donativus". **(Vai buscar o lenço com os cacos).**

CABOUSSAT — É de uma bondade...
MATHIAS — Vou fechar a mala. (Sai e plia
direita. Branca senta-se e chora).

CENA XVIII

CABOUSSAT e BRANCA, depois
ROBERTO e JOÃO

CABOUSSAT — Está o negócio termina-
do. (A Branca) Está contente? Como?
Tu choras, que tens?

BRANCA, erguendo-se — Se lhe parece!
Caluniar Edmundo! Ele não é baixo nem
miope. É alto, distinto, espirituoso...

CABOUSSAT — Conhece-o?

BRANCA — Dançamos juntos, ano pas-
do, em Etampes.

CABOUSSAT — Oh, que diabo! E não te
desagrada?

BRANCA, com timidez — Não, papai.

CABOUSSAT, à parte — Ama-o. Pobrezi-
nha! E eu que a fiz chorar.

ROBERTO, entrando pelo fundo com um
ramo na mão — Foi eleito, sr. Cabous-
sat! O Chatfinet teve um voto... foi o
dêle. Parece que a notícia não lhe
agradou?

CABOUSSAT, preocupado — Sim, sim...
muito.

ROBERTO — Ainda bem! (Chamando)
João! João! (A Caboussat) Mande
preparar dois garrações de vinho.

CABOUSSAT — Para qué?

ROBERTO — Para regar a classe agrí-
cola... é o costume! João! João! O
líquido! O líquido!

JOÃO, entrando com dois garrações —
Pronto Pronto! (Baixo, a Roberto) Guar-
dei duas garrafas de licor cá para o
soal.

ROBERTO, pegando um dos garrações —
Vamos, a caminho! (Saem).

CABOUSSAT, à parte — Minha pobre fi-
lha... Não há que hesitar... (Senta-se
à secretária e pega a pena).

BRANCA, à parte — Vai escrever sôzi-
nho? (Aproximando-se de modo a poder
ver o que êle escreve).

CABOUSSAT, escrevendo — Meus caros
amigos, peço minha demissão.

BRANCA, toma o papel e rasga — Oh!

CABOUSSAT — Que fazes?

BRANCA — Demissão é com dois ss.

CABOUSSAT, à parte — E eu que escrevi
com ç! Nem a minha demissão posso
pedir sem minha filha. (Ouve-se a voz
de Mathias). Êle!

BRANCA — Retirome.

CABOUSSAT — Não, fica!

CENA XIX

OS MESMOS e MATHIAS

MATHIAS, com as malas e o lenço com
os cacos — Distinto colega, antes de
me despedir...

CABOUSSAT, interrompendo — Meu ami-
go, como sabe, a mulher é um cataven-
to... Acabo de conversar com minha
filha, pesamos os prós e os contras...
e tenho o prazer de lhe anunciar que
ela consente em desposar seu filho
Edmundo. (Mathias deixa cair a mala
e o lenço com os cacos sôbre os pés
de Mathias).

MATHIAS — Ah, minha filha, como sou
feliz! Agora posso ir comprar o chalé.

BRANCA — Que chalié?

CABOUSSAT — O que vais habitar em
Paris, com teu marido.

BRANCA, à parte — Coitado do papai!
E os discursos... (Alto) Sr. Mathias,
meu pai esqueceu-se de lhe dizer que
aceito sua proposta, mas com uma con-
dição.

MATHIAS — Diga.

BRANCA — É que, por preço algum, ou
seja sob que pretexto fôr, consentirei
em deixar esta terra.

CABOUSSAT, baixo a Branca, apertando-
lhe a mão — Querida filha...

MATHIAS — Compreendo... é uma ci-
dade tão rica sob o ponto de vista ar-
queológico... Mas isso não é um
obstáculo. Apenas pedirei aos noivos
para irem passar um ou dois meses
por ano em Paris.

BRANCA, olhando para o pai — Dois
meses, não sei...

CABOUSSAT, baixo, a filha — Aceita, eu
cá me arranjarêl. Tenho um meio. (A
parte) Corto-me. Está combinado.

MATHIAS, a Branca — Que bondade a
sua! Nunca pensei que pudesse perdoar
o defeito de Edmundo.

BRANCA — Mas qual defeito?

MATHIAS, ao pai — Então, não lhe diga

CABOUSSAT — Não. Não tive coragem.
Diga-lhe o senhor. (A parte) Finalmen-
te, vou conhecer o tal defeito.

MATHIAS — Meu filho é um bom rapaz,
afetuoso, comedido, não bebe bebidas
alcoólicas senão ao café... mas quan-
do escreve, comete sempre asneiras.
Com respeito a regras de gramática,
nunca foi capaz de combinar correta-
mente as palavras numa oração e as
orações num período.

CABOUSSAT — Afinal é um defeito sem
importância!

BRANCA — É que... é remediável...
com algumas lições. (Intencionalmente)
Meu pai conhece alguém que se encar-
regará disso.

CABOUSSAT, à parte — Mais um alu-
no... (Beijando Branca) Querida filha!
Es a gramática da família!



P A N O

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(La Grammaire, de Eugène Labiche. Edi-
ção Livraria Teixeira, Coleção Teatro
Popular).